

Sobre mortes e lutos nos dias de Covid

Elieciim Fidelis

Diante do cenário mostrando quantidades de vidas ceifadas pelo crescimento da pandemia do Coronavírus, bem como das condições gerais de superlotação de hospitais, e até de cemitérios, uma questão recorrente não nos deixa calar. Poderia resumi-la assim: quantas dores podem suportar um coração machucado e quantas melancolias podem comportar tantas perdas não pranteadas de tantos entes queridos e de tantos lutos não elaborados?

Para falar apenas do caso brasileiro, em vários estados já foram registrados inúmeros casos de doentes agonizantes, entubados ou não, cujas mortes se dão em pequeno espaço de tempo e cujos corpos são enterrados sem a presença da família e entes queridos. Poderíamos conjecturar que aqueles que se foram levaram consigo os sonhos e ilusões quanto às suas lutas nesta terra, mas também podemos admitir, ironicamente, que não dói mais seus corações, não sofrem mais seus corpos e mentes.

Quanto aos que ficaram, além de continuarem a luta para se defenderem do risco da contaminação virótica em si próprios, amargam a dor e o sofrimento da perda; uma perda da qual sequer tiveram tempo e condições de avaliar o tamanho e a intensidade. Ainda adormecidos pelo sentimento de pesar e tristeza, apenas pressentem, em silêncio, as vestes escuras em derredor do vazio e da falta daqueles que se foram, às vezes prematuramente; e isso não pode deixar de lhes imprimirem marcas cinzentas a descolorirem seus sonhos e esperanças a serem, de qualquer modo, tocados pra frente.

Esse tema não poderia deixar de nos aproximar do texto de Freud, *Luto e melancolia*, de 1916. Nele, o pai da psicanálise analisa os estados de acometimentos psíquicos decorrentes do luto e da melancolia, ao tempo em que fornece o aporte teórico para a distinção entre esses dois fenômenos. Em ambos os casos, tratar-se-ia de uma reação, por parte do sujeito, à perda de um ente querido ou à perda de alguma abstração imaginária que ocupou o lugar de um ente querido, a exemplo da liberdade, da pátria ou de algum ideal de completude.

Freud fez questão de deixar claro que o luto, embora requeira o necessário tempo de elaboração, não constitui uma condição patológica a ser submetida a tratamento. Mas um luto, para ser vivido, é preciso que os rituais simbólicos sejam cumpridos: o morto pranteado, o velório realizado, o corpo sepultado (ou cremado). Sem isso, penso, não mais ficaria clara a distinção entre aquilo que seria mero luto e o que se tornaria uma tristeza profunda ou permanente a assolar a vida daquele que sequer pôde presenciar e oferecer uma última homenagem aos entes queridos. Se no decorrer do tempo, variável em cada caso, o luto é elaborado e seus rituais realizados, a dor da perda vai se diluindo, novos objetos substituindo, e a vida continua. Já no caso de uma consecutiva melancolia, a tendência seria a instalação de estados de desânimo, diminuição da autoestima e desinteresse pelas coisas comuns da vida, dificultando o surgimento de novos objetos e de condições para que o sujeito invente novas formas de interesses e de momentos de felicidade.

Lamentável é a constatação de que, no momento presente da situação do país, estamos todos passíveis de enfrentar as duas situações: perdas de entes queridos e, ao mesmo tempo, perdas dos ideais relativos às liberdades e à possibilidade de legar um futuro promissor às futuras gerações.